

**PALAVRA-IMAGEM
REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE UMA POÉTICA VISUAL**

**WORD-IMAGE
REFLECTIONS ABOUT A VISUAL POETIC PROCESS**

Ricardo Guimarães Cardoso / UFBA

RESUMO

Este artigo visa ampliar as reflexões sobre questões potenciais de uma poética visual constituída pela relação palavra-imagem, através da apresentação de algumas obras autorais, pelos relatos dessa prática e análise crítica do processo criativo.

PALAVRAS-CHAVE: Palavra-imagem, processo criativo, poética artística.

ABSTRACT

This article intends broaden the thinking on potential questions of a visual poetics constituted by the word-image relation, through the presentation of some works of authorship, by the reports of this practice and critical analysis of the creative process.

KEYWORDS: *Image-word, creative process, artistic poetics.*

A arte requer um processo no qual o artista, ao criar a obra, "invente o seu próprio modo de fazê-la" (PAREYSON, 1993, p.59). Sandra Rey identifica, no próprio modo de fazer da obra artística, três dimensões na sua instauração.

[...] Uma primeira dimensão, abstrata, processa-se no nível do pensamento e revela-se na forma de *idéias, esboços*, [...] ou em projetos mais elaborados [...]. Num segundo plano, temos a dimensão da prática feita de procedimentos, manipulações técnicas ou operacionais, reações de materiais ou substâncias, assim como o estabelecimento de interfaces com os mais avançados progressos tecnológicos. E, num terceiro nível [...], a obra *em processo* conecta-se com tudo o que se diz respeito ao conhecimento. Dessa forma, a ela se articulam conceitos, e estabelecem-se elos entre as manifestações da cultura (REY, 2002, p. 126).

O que tem me interessado, há algum tempo, é investigar além das questões sígnicas imbricadas nas tensões que brotam do convívio entre a palavra escrita e a sua visualidade, a evidência da dimensão sensível da palavra através de um processo criativo de uma poética visual.

Os modos de fazer dessa poética, composta pela experimentação prática, pelos conceitos operados, pelo repertório continuamente incorporado de experiências vivenciadas e pelas formulações teóricas, estão guiados pela presença da palavra no âmbito das artes visuais como subvertedora, aglutinadora, sensível, plástica e confrontadora, desde a sua condição dizível e simbólica às ampliações e extrapolações nos âmbitos da visibilidade e do sensível.

A obra se dá no estabelecimento de relações, ou seja, na rede em permanente construção que fala de um processo, não mais particular e íntimo. Cada versão da obra pode ser vista de modo isolado, mas se assim for feito, perde-se algo que a natureza da obra exige. São obras que nos colocam, de algum modo, diante da estética do inacabado; nos incitam a seu melhor conhecimento e o conseqüente acompanhamento crítico dessas mutações (SALLES, 2015, p. 170).

Serão apresentadas, então, sem uma ordem cronológica, algumas imagens geradas pelos caminhos do percurso criativo e pesquisa nos últimos quinze anos de atuação com a temática da relação palavra-imagem nas artes visuais, buscando refletir sobre as questões que cada obra possa trazer individualmente e as correlações identificadas entre elas, seguindo os rastros presentes na obra em processo.

A pesquisa parte de um pressuposto fundamental, que pode ser enunciado da seguinte maneira: toda obra contém em si mesma a

sua dimensão teórica. A teoria, subterrâneo da obra, é como os alicerces da casa: o que lhe dá sustentação, embora não seja, necessariamente, aparente (REY, 2002, p. 135).

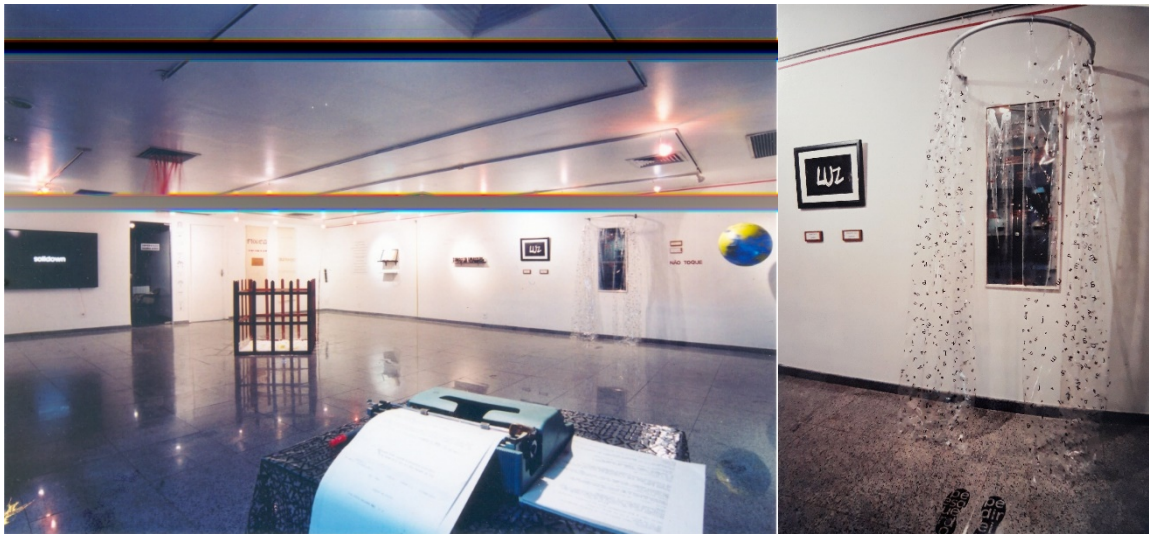


Figura 1: Ricardo Guimarães
 Exposição-instalação: *Uma palavra*, 2002, Galeria ACBEU, Salvador, BA.
 Fotografia: Xico Diniz

Palavra-imagem

A figura 01 traz um panorama da exposição-instalação *Uma palavra*, de 2002, na Galeria ACBEU, em Salvador, com a designer Dani Antoniazzi, tendo a palavra, em um espaço consagrado às artes visuais; manuscrita, caligráfica e tipográfica; desdobrada em projeções, impressões, esculpida, pintada, desenhada, em cores, traços, reflexos, volumes; deslocada, reconfigurada; em práticas de desconstrução e direcionada para a ampliação de suas possibilidades sígnicas e sensíveis.

Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da despalavra. Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades humanas. [...] Daqui vem que os poetas podem compreender o mundo sem conceitos. Que os poetas podem refazer o mundo com imagens, por eflúvios, por afeto (BARROS, 2003, p. 23).

Este primeiro, à época, compartilhamento de práticas iniciais com a palavra no âmbito das artes visuais, funcionou como um fundamento, ainda incipiente, para muitos outros encontros criativos nessa relação. O interesse por essa temática já vinha há um tempo, decorrente da atuação profissional com a música, as artes visuais e o design, que trazia de forma implícita uma abordagem multidisciplinar com soluções encontradas em diálogos entre linguagens distintas. No entanto, o principal estímulo decorria de um desejo de através de uma ação poética vislumbrar outros caminhos de encontros, além dos habitualmente estabelecidos no cotidiano da vida

em uma metrópole. Como diz Gilles Deleuze, um ato de resistência ante a sociedade de controle.

O título *O que é o ato de criação?* Retoma o de uma conferência que Gilles Deleuze proferiu em Paris em março de 1987. Deleuze definia o ato de criação como um “ato de resistência”. Resistência à morte, antes de tudo, mas também resistência ao paradigma da informação, por meio do qual o poder é exercido naquelas que o filósofo chama de “sociedade de controle”, para distingui-las das sociedades de disciplina analisadas por Foucault. Cada ato de criação resiste a algo: por exemplo – diz Deleuze –, a música de Bach é um ato de resistência à separação entre o sagrado e o profano (AGAMBEN, 2018, p. 59).



Figura 2: Ricardo Guimarães
Sublimação: adesivo vinil sobre placas de poliestireno, ICBA, Salvador-BA, 2014.
 Fotografia: do autor

Rastros

Algumas vezes, o que expomos são marcos de um processo criativo até o determinado momento. No registro da figura 02 fiz a opção de constituir a obra em dois momentos de construção. Um com uma discreta interferência no texto e outro mais identificado como uma poesia visual. Foi acrescentado a esta composição em uma exposição posterior a esse registro, o texto escrito a seguir: “A sublimação para a física é a transição da fase sólida para o vapor. Para a psicanálise é o processo inconsciente que consiste em desviar a energia da libido para novos objetos, de caráter útil. Aqui, a SUBLIMAÇÃO percorre caminhos a partir de sua semântica através de alterações e acréscimos gráficos com pretensões artístico-poéticas com humor. A lima e a maçã são o mote para essa brincadeira sonora, formal e signica, na busca do limiar entre o proibido e o possível. Bom apetite!”



Figura 3: Ricardo Guimarães
Livro de artista: *Durantes e agoras*, 2017.
Fotografia: do autor

Tempo

“O tempo todo o tempo passa.” (ANTUNES, 2002, p. 55). O tempo atentado aqui, com o exemplo de uma obra (figura 03) é o tempo relativo à percepção. Um tempo subjetivo inserido na dinâmica da obra em processo. A expectativa está nos possíveis desdobramentos que o desenvolvimento da poética possa deflagrar nos entremeios, expandindo-se e contraindo-se nas variações de percepção temporal a partir do sensível deflagrado pela palavra-imagem em processo durante suas alterações sígnicas e formais. É o sentir que levará a palavra e a palavra que se fará sentir.

Diferentemente do desenvolvimento do processo anterior, o relacionado à Figura 03 passou por um processo metodológico direcionado com a escolha de uma palavra-chave “dobra” para a criação de uma obra constituída por uma caixa-livro de artista e um texto de artista, elaborados concomitantemente. A seguir, o texto de artista que está presente nas laterais da caixa construída de modo que pode ser lido girando a caixa, seguindo uma trajetória horizontal ou em cada face devendo ser iniciada na primeira, segunda, terceira ou quarta linhas a depender da face visualizada.

“DURANTES E AGORAS:

Nos miolos de BORDA, em jogo, embaralho na vista. DOBRA BRADO

Sons, pausa, silêncios... imagens, ímã, cãibra, caminho, abracadabra... e nos contratempos dos durante, agora. Lágrimas secas e salgados sorrisos suados em palavras sem sinônimos e um abraço apertado. Um rio e um mar de perguntas com interrogações. Lados, contornos, torções e cortes. Visões aqui, revisões acolá... palavras, palavras, palavras, palavras, palavras. Descobrir-me no calor, afastei para perto. Na verdade ilusória das transparências, a senha é o segredo. E circulando no infinito espiral do sentido sentido, sejam bem vindos. Um abraço e um sorriso!"



Figura 4: Ricardo Guimarães
 Duas poesias visuais no espaço, Galeria Cañizares, Salvador-BA, 2009.
 Fotografia: do autor

Espaço

Na figura 04, as duas imagens apresentadas são de obras construídas a partir de trechos de textos publicados em livros autorais que, no deslocamento para o espaço expositivo se ressignificam. Na imagem à direita há um acréscimo inesperado de um par de pequenos sapatos. Deixado por uma criança, meu filho, na abertura da exposição, passou a ser um elemento integrante e potencializador da peça. Ele tirou o sapatinho e o local que encontrou para guardá-lo foi o do espaço interno insinuado pelo círculo formado no piso da galeria. A obra tornou-se protetora do objeto que protegia seus pés, mas o tolhia de maior liberdade para se movimentar. O par de sapatinhos listrado em preto e branco ampliou o sentido da dimensão temporal que

a obra propunha. Houve um diálogo estabelecido em um silêncio comunicativo e afetivo através da forma e de palavras não reconhecidas por ele.

Em paralelo com a proposta de poetas como Mallarmé ou os concretos Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos, o espaço é encarado como obra. Tudo que está por perto faz parte dos sentidos das criações. E o “ao redor” é composto por muitos elementos de diferentes naturezas em condições de efemeridade, provisoriedade e ressignificação constante. As imagens a seguir, são resultados de parte desse desejo de exploração do espaço da cidade através dessa poética pela palavra-imagem nos limiares entre a literatura, as artes visuais, o design e a publicidade.



Figura 5: Ricardo Guimarães
Expondo em Outdoor, 2010/11 e *Expondo em Busdoor: palavra-imagem em movimento*, 2013.
 Fotografia: Andréa Viana

Disponer uma obra no espaço urbano é contrapô-la ao isolamento e a proteção característicos de espaços fechados como galerias e museus, expondo-a ao que a vida cotidiana traz em suas tensões, ruídos, diálogos e ações da natureza, como sol e chuva. Matericamente, a natureza da proposta artística, no espaço urbano, seja como uma obra ou ação, assume características particulares em convivência com essas condições impostas. São adaptações para a conquista de um lugar não reservado para este tipo de proposição.

As imagens da figura 05 trazem uma poesia visual desdobrada em dois momentos e em espaços distintos. Antes dessas versões havia a aplicada sobre uma placa de poliestireno de 27 cm x 80 cm que foi exposta em galerias da arte. No Projeto *Expondo em Outdoor*, realizado em 2010 e 2011, em Salvador, durante dez semanas, dez poesias visuais foram expostas, uma por semana, como uma

exposição apresentada em capítulos. Convivendo com dois outdoors, um em cada lado, ocupados por campanhas publicitárias e seus movimentos de convencimento ao consumo de bens e serviços, foi possível ter a dimensão da repercussão da proposta através do uso das redes sociais.

A cada retirada do outdoor, da obra da semana, era disponibilizada pela rede. Ao final houve no local, uma espécie de abertura invertida (ao final da exposição), com entrega de premiação aos participantes que enviaram poesias, desenhos, fotografias e vídeos criados a partir das obras expostas. Foram entregues camisetas com imagens das peças expostas e uma placa com uma das obras no formato e material mencionado anteriormente.

Como um desdobramento desse projeto, O “Expondo em Busdoor: palavra-imagem em movimento”, de 2013, fez com que oito poesias visuais transitassem conduzidas por motoristas de quarenta linhas de ônibus durante dois meses por diversos bairros da cidade.

Algumas das obras foram criadas especificamente, como um *site specific*, para esses veículos de comunicação, outras como as duas apresentadas aqui foram adaptadas. Propositadamente, elas tinham características formais similares a de anúncios publicitários e a aproximação e estranheza do público seguiram uma medida de um despertar de interesse e curiosidade com o que viam.

(...) fazer a linguagem servir para exprimir o que ela não exprime habitualmente é servir-se dela de maneira nova, excepcional e não costumeira, é dar-lhe suas possibilidades de abalo físico, é dividi-la e reparti-la ativamente no espaço, é tomar as entonações de maneira absolutamente concreta e restituir-lhes o poder que teriam de dilacerar e manifestar realmente algo, é voltar-se contra a linguagem e suas fontes vilmente utilitárias, poder-se-ia dizer alimentares, contra suas origens de fera acuada, é enfim considerar a linguagem sob a forma de *Encantamento*. – Antonin Artaud (VENEROSO, 2012, p. 359).



Figura 6: Ricardo Guimarães
História da Arte: Salões Regionais da Bahia, 2009.
 Fotografia: do autor

Conceito

Muito importante a busca e o encontro de pontos de contato com obras de artistas que utilizam a palavra em múltiplas dimensões como os catalães Jaume Plensa e Juan Brossa, aos estadunidenses Barbara Kruger, Joseph Kosuth, Roni Horn, Russel Crotty, John Baldessari, Allen Ruppersberg e Gordon Young, ao argentino Leon Ferrari, à suíça Mira Schendel, ao inglês Liam Gillick, ao australiano Jeffrey Shaw ou os brasileiros Letícia Parente, Arnaldo Antunes, Arthur Bispo do Rosário, Waltércio Caldas, Ricardo Aleixo, Paulo Bruscky, Leonilson, Nuno Ramos, Rosângela Rennó e outros.

Junto a essas referências, nesse percurso de atuação como artista visual, sentia um grande interesse em tratar das próprias questões da arte nas criações artísticas autorais. Utilizar a palavra nas artes visuais é trazer junto a essa proposição uma série de questionamentos e reflexões sobre as artes visuais. Ela está no título, no conceito, na curadoria, na crítica, e inserida na obra como mais um elemento visual.

Octavio Paz discorre sobre a importância que Duchamp dava ao texto escrito em sua obra.

O quadro se chama *Retrato ou Dulcinéia*. Cito esta particularidade porque por meio do título Duchamp introduz um elemento psicológico, neste caso afetivo e irônico, na composição. É o começo de sua rebelião contra a pintura visual e tátil, contra a arte “retiniana”. Mais tarde afirmará que o título é um elemento *essencial* da pintura como a cor e o desenho (PAZ, 2007, p. 10).

A figura 06 traz o registro da imagem criada intitulada “História da Arte” apresentada no Salão Regional de Artes da Bahia, em 2009, e pretendeu trazer questões relacionadas ao tempo, ao espaço e ao conceito, no âmbito da própria arte, como uma espécie de jogo com quem acessá-la.

[...] Inventei a cor das vogais! – A negro, E branco, I vermelho, O azul, U verde. – Regulei a forma e o movimento de cada consoante e, com ritmos instintivos, nutri a esperança de inventar um verbo poético que seria um dia acessível a todos os sentidos. Eu me reservava sua tradução. Foi, antes, simples estudo. Eu escrevia silêncios, noites, anotava o inexprimível. Fixava vertigens (RIMBAUD, 2004, p.72).

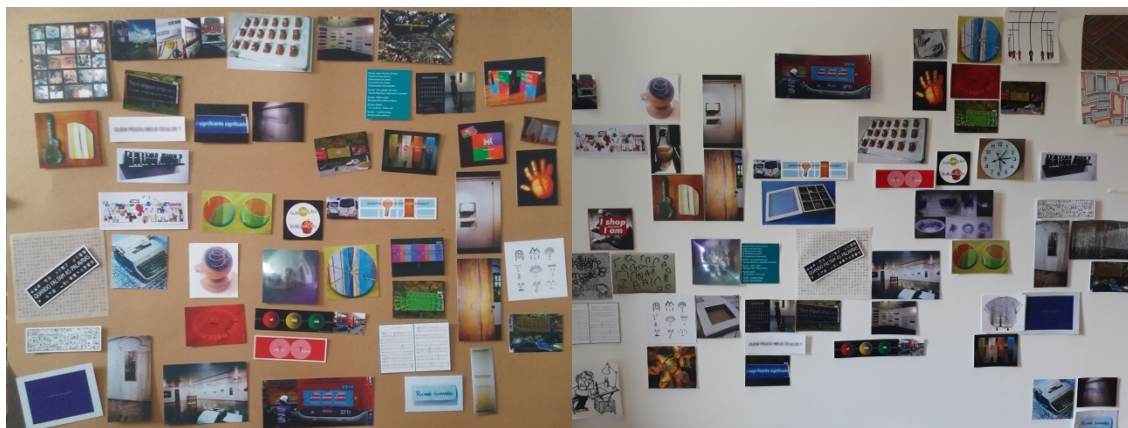


Figura 07: Ricardo Guimarães
 Registros de percurso - montagem, 2017.
 Fotografia: do autor

Imagem-palavra

“Criar imagens não é menos difícil que criar possibilidades de observação do mundo, porém o desafio maior do artista diz respeito a experimentar novas formas de apresentação subjetiva que refletem a nossa presença no mundo” (MELLO, 2014, p. 2174).

O Mnemosyne, Atlas desenvolvido por Aby Warburg de 1924 a 1929, “não era apenas um ‘resumo em imagens’, mas um pensamento em imagens. Não apenas um ‘lembrete’, mas uma memória de trabalho” (DIDI-HUBERMANN, 2013, p. 383). Identificada pela titânide da mitologia grega que personificava a memória, o Atlas, (palavra originária do titã encarregado de sustentar a então, supostamente terra plana) warburguiano traz um deslocamento combinatório de imagens, renunciando a fixação destas e valorizando o caráter permutável e dinâmico.

A possibilidade de dispor essas diversas imagens em um mesmo espaço visível (Figura 07) e perceber os pontos de contato e afastamentos entre elas tem sido um importante recurso metodológico para questionamentos sobre os caminhos de pesquisa. A percepção de alguns aspectos recorrentes da produção artística podem conferir um desejo de busca de outros trajetos, ou mesmo, um aprofundamento em aspectos ainda não tão visíveis. Essa visibilidade pode se ampliar também a partir das remontagens feitas com essas imagens que se transportam para remontagens nas criações artísticas autorais nos limiares identificados como palavra-imagem e imagem-palavra.

Em diálogo com outras propostas, a pesquisa e produção continuam em encontros com a materialidade da palavra, extrapolando as suas habituais aparições; com a palavra diluída em névoas de imagens ou redimensionada em palavra-poético-política; com a palavra como objeto plástico-sonoro, com a palavra no corpo ao corpo da palavra, bordada; redimensionada e ressignificada nos limiares entre o simbólico e o sensível, entre o dizível e o visível, entre o textual e o imagético, em conexões e contágios, hibridizações e amalgamamentos; nos silêncios, nas aproximações e afastamentos entre linguagens distintas, na contínua busca da ampliação dos pontos de contato; com as palavras dos títulos e conceito e; com as flutuações contidas na relação com o espaço e o tempo.

“[...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (BONDIA, 2002, p. 24).

E o mais importante é o que fazer com essa experiência. Tê-la é fazê-la em movimento para frente deixando-a viva no sentido trazido aqui. A experiência é tão importante que traz em si o estímulo para continuar, em busca de outras ou renovadas construções, movido por inquietações, questionamentos, buscas, desejos, encontros e compartilhamentos.

A ideia é de que o compartilhamento dessa prática com o processo de criação de uma poética baseada na relação palavra-imagem nas artes visuais possa trazer contribuições para outras pessoas, artistas ou não, ampliando o diálogo, as

reflexões e discussões sobre alguns dos aspectos abordados ou outros que possam ter vindo à tona em decorrência destes.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O fogo e o relato: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANTUNES, Arnaldo. *As coisas*. São Paulo: Ed. Iluminuras Ltda., 2002.
- BARROS, Manoel. *Memórias inventadas: A infância*. São Paulo: Planeta, 2003.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de Experiência*. Universidade de Barcelona, Espanha, 2002.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A montagem Mnemosyne: quadros, foguetes, detalhes, intervalos*. In: *A imagem sobrevivente. História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2013.
- MELLO, Christine. *Imagem digital como memória: experiências em Luiz Duva*. Anais do 23º Encontro da ANPAP – “Ecossistemas Artísticos”, Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- PAREYSON, Luigi. *Estética: Teoria da Formatividade*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1993.
- PAZ, Octavio. *Marcel Duchamp, ou, o castelo da pureza*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- REY, Sandra. *Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais*. In BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.) *O meio como ponto zero : metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: E. Universidade/UFRGS, 2002.
- RIMBAUD, Jean Arthur. *Iluminações: uma cerveja no inferno*. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim. 2004.
- SALLES, Cecília A.. *Redes da criação: Construção da obra de arte*. Vinhedo-SP: Ed. Horizonte, 2015.
- VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. *Caligrafias e Escrituras: Diálogo e Intertexto no Processo Escritural nas Artes no Século XX*. Belo Horizonte: C/Arte, 2012.

Ricardo Guimarães

Artista visual, designer, pesquisador e professor. Doutorando e mestre em Artes Visuais (PPGAV-EBA-UFBA), graduado em Design (UFBA) e licenciado em Artes Visuais (UCSal-BA). Professor do curso de licenciatura em Artes Visuais da UNIVASF desde 2013. É pesquisador da relação palavra-imagem nas artes visuais. Publicou quatro livros: *Palavras Curtidas* (2017), *Ímã* (2010), *Palavras Trocadas* (2009) e *Pequeno Livro de Reembolso* (2008).